



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO E DAS TERRITORIALIDADES NO QUILOMBO CAFUNDÁ ASTROGILDA (Rio de Janeiro - RJ)¹

*PRODUCCIÓN DE TERRITORIO Y TERRITORIALIDADES EM QUILOMBO
CAFUNDÁ ASTROGILDA (Rio de Janeiro – RJ)*

*PRODUCTION OF TERRITORY AND TERRITORIALITIES IN THE CAFUNDÁ
ASTROGILDA QUILOMBO (Rio de Janeiro – RJ)*

Tatiana Alcantara²

Amaro marques³

RESUMO

Este artigo trata da produção do território e das territorialidades negras do Quilombo Cafundá Astrogilda, situado no Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), no Rio de Janeiro, RJ. Como objetivo, investiga os processos de ocupação, resistência e luta pela posse do seu território, a partir de revisão bibliográfica e incursões ao território. Foram utilizados levantamentos fotográficos, cartografias sociais e etnografia, além de discussões na disciplina acadêmica “Território e territorialidades negras” da PUC-Rio e do Grupo de Pesquisa BAOBÁ. O quilombo originou-se em terras de antigos engenhos de Jacarepaguá, onde exescravizados preservaram práticas culturais e tradições. A comunidade é estruturada por núcleos familiares, com destaque para a matriarca Astrogilda, benzedeira de origem Banto. A agricultura familiar e o turismo ecológico são as principais atividades econômicas, mesmo após a criação do PEPB em 1974. A comunidade permanece com sua luta pelo reconhecimento territorial gente ao avanço imobiliário e o risco de perda de sua cultura e ancestralidade.

PALAVRAS-CHAVE: relações étnico-raciais; quilombo; territorialidade; resistência;

RESUMEN

Este artículo aborda la producción de territorio y territorialidades negras en el Quilombo Cafundá Astrogilda, ubicado en el Parque Estadual Pedra Branca (PEPB), en Rio de Janeiro, RJ. Como objetivo investiga los procesos de ocupación, resistencia y lucha por la posesión de su territorio, a partir de una revisión bibliográfica y de las incursiones en el territorio. Se utilizaron levantamientos fotográficos, cartografía social y etnografía, además de discusiones en la disciplina académica “Territorio y territorialidades negras” de la PUC-Rio y del grupo de investigación BAOBÁ. El quilombo tuvo su origen en las tierras de los antiguos molinos de Jacarepaguá, donde los no más esclavos conservaban prácticas y tradiciones culturales. La comunidad está estructurada por grupos familiares, con énfasis en la matriarca

¹ AGRADECIMENTOS: Esse trabalho contou com apoio do CNPq, bem como de recursos do DAU/PPGARq e da PróReitora de Ensino da PUC-Rio.

² Mestranda em Arquitetura e Urbanismo; PUC-Rio talcantara@aluno.puc-rio.br

³ Doutor em Arquitetura e Urbanismo; UFMG. Professor; PUC-Rio amaro@puc-rio.br



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Astrogilda, curandera de origen Bantú. La agricultura familiar y el turismo ecológico son las principales actividades económicas, incluso después de la creación del PEPB en 1974. La comunidad continúa su lucha por el reconocimiento territorial debido al desarrollo inmobiliario y el riesgo de perder su cultura y ascendencia.

PALABRAS CLAVE: relaciones étnico-raciales; quilombo; territorialidad; resistencia;

ABSTRACT

This article deals with the production of territory and black territorialities of the Cafundá Astrogilda Quilombo, located in the Pedra Branca State Park (PEPB), in Rio de Janeiro, RJ. Its objective is to investigate the processes of occupation, resistance and struggle for possession of its territory, based on a bibliographic review and incursions into the territory. Photographs, social maps and ethnography were used, in addition to discussions from the academic discipline "Territory and black territorialities" of PUC-Rio and the BAOBÁ Research Group. The quilombo originated on lands of old sugar mills in Jacarepaguá, where former slaves preserved cultural practices and traditions. The community is structured by family units, with emphasis on the matriarch Astrogilda, a healer of Bantu origin. Family farming and ecological tourism are the main economic activities, even after the creation of the PEPB in 1974. The community continues its struggle for the territorial recognition against real estate's development and the risk of losing its culture and ancestry.

KEYWORDS: ethnic-racial relations; quilombo; territorialities; resistance;

INTRODUÇÃO

A produção do território e das territorialidades negras no Quilombo Cafundá Astrogilda constitui um campo de estudo essencial para compreender as dinâmicas de resistência e preservação cultural em territórios quilombolas. Situado na região do PEPB, no bairro de Vargem Grande, município do Rio de Janeiro, RJ, este quilombo exemplifica como a ocupação e o uso do espaço são moldados por práticas culturais ancestrais e estratégias de resistência.

No contexto das ciências humanas e sociais, os conceitos de território e territorialidades são amplamente debatidos, especialmente em relação às comunidades tradicionais e quilombolas. Segundo Haesbaert (2021), o território não deve ser entendido apenas como uma porção de espaço delimitado geograficamente, mas como uma construção social e simbólica que envolve relações de poder, identidade e pertencimento. Haesbaert destaca a multiplicidade dos territórios, afirmando que eles são formados por camadas de significados que variam de acordo com as experiências e práticas dos grupos. Essa perspectiva é fundamental para compreender como os quilombolas produzem e



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

ressignificam seu território, integrando elementos históricos, culturais e políticos. Marcelo Lopes de Souza (2013), contribui para essa discussão ao enfatizar que as territorialidades são práticas e estratégias que expressam a forma como os grupos sociais se apropriam e transformam o espaço. Para Souza, a territorialidade é uma manifestação das ações e decisões dos grupos sociais, onde as relações de poder e resistência se expressam de forma concreta no espaço físico e simbólico. As territorialidades negras no Quilombo Cafundá Astrogilda, portanto, não são apenas uma resposta à necessidade de sobrevivência, mas também uma forma de afirmação identitária e resistência cultural frente às pressões externas, como o avanço imobiliário e as políticas públicas excludentes.

O objetivo deste trabalho é investigar os processos de ocupação e luta pela posse do território do Quilombo Cafundá Astrogilda, analisando como a comunidade quilombola produz e ressignifica seu espaço, enfrentando desafios contemporâneos e mantendo vivas suas tradições culturais. A relevância deste estudo está na necessidade de valorizar e compreender as estratégias de resistência territorial de comunidades quilombolas, que são fundamentais para a preservação de suas culturas e para a promoção de justiça social e espacial. O reconhecimento e a análise dessas práticas espaciais insurgentes contribuem para o fortalecimento da identidade e autonomia das comunidades quilombolas, destacando sua capacidade de resiliência frente às pressões externas. A metodologia adotada neste trabalho combina a revisão de literatura, levantamento fotográfico, produção de cartografias sociais e mapas, além de um trabalho etnográfico e de observação participante. Inicialmente foi realizada uma revisão de literatura com acesso a bancos como o Portal CAPES, Scielo e de teses das maiores universidades da região sudeste do Brasil.

Autores como Abdias Nascimento, Antônio Bispo dos Santos e Ailton Krenak desempenharam papéis cruciais na compreensão das dinâmicas de produção do território e das diversas territorialidades presentes no Quilombo Cafundá Astrogilda, oferecendo contribuições significativas tanto para as perspectivas decoloniais quanto



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

contracoloniais. Nascimento (1980), com suas reflexões sobre o quilombismo, proporciona uma visão que ressoa profundamente com as práticas de resistência cultural observadas na comunidade. Seu trabalho destaca o esforço contínuo para preservar a autonomia e a identidade cultural das comunidades quilombolas. Santos (2023), também conhecido como Nego Bispo, contribui com uma perspectiva inovadora ao conceber a terra como um sujeito ativo. Essa visão está em sintonia com as práticas de manejo e respeito ao território realizadas pela comunidade quilombola, refletindo um profundo entendimento e valorização do território como elemento central na vida comunitária. Krenak (2022), desafia os modelos de desenvolvimento convencionais com suas críticas incisivas, uma perspectiva que se manifesta nas iniciativas da comunidade em manter práticas sustentáveis e transmitir o conhecimento ancestral ao longo das gerações. Juntos, esses autores oferecem um arcabouço teórico robusto para compreender e valorizar as práticas e territorialidades presentes no Quilombo Cafundá Astrogilda. Posteriormente, durante o primeiro semestre de 2024 foram feitas incursões ao território do Quilombo Cafundá Astrogilda, onde foram realizados levantamentos fotográficos e a produção de cartografias sociais e mapas que ilustram a organização espacial da comunidade.

O trabalho etnográfico e de observação participante permitiu um contato direto com os moradores, possibilitando uma compreensão mais profunda das práticas culturais e da dinâmica de resistência territorial. As discussões realizadas na disciplina de Território e Territorialidades Negras da PUC-Rio e no Grupo de Pesquisa em Produção do Território e de Territorialidades Negras, assim como os materiais das oficinas do IPN, foram fundamentais para o aprofundamento das análises e a construção de uma base teórica sólida. Todas essas discussões, aulas, palestras, seminários e materiais contribuíram para a compreensão dos conceitos de território e territorialidades, bem como das práticas espaciais insurgentes que caracterizam a resistência comunitária no Quilombo Cafundá Astrogilda.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Este trabalho está estruturado em quatro partes principais, sendo a primeira sobre a origem e contextualização do Quilombo Cafundá Astrogilda, explorando a formação histórica da comunidade, suas raízes nos engenhos coloniais da baixada de Jacarepaguá (Camorim, Vargem Pequena e Vargem Grande), e a importância da figura da matriarca Astrogilda, uma benzedeira cuja prática é herança dos afros descendentes bantos vindos do continente africano (principalmente Angola e Congo).

A segunda parte discute os conceitos de território no contexto quilombola e enfatizando as práticas espaciais insurgentes que caracterizam a resistência comunitária. A terceira parte apresenta um relato detalhado do percurso exploratório no Quilombo Cafundá Astrogilda, ilustrado com fotos e mapas, abordando aspectos como a organização do território, a alimentação tradicional, a figura ainda presente da benzedeira matriarca pela sua neta, a educação ambiental e cultural, e a relação com o PEPB. Durante o percurso foi possível observar a disposição das casas, os sistemas de captação de água, redes de infraestrutura e de abastecimento como: energia, telefonia, acessos e estradas, demonstrando um planejamento que respeita e integra as necessidades da comunidade com o meio ambiente. Além disso, foram destacados aspectos culturais, como as festas religiosas e culturais que integram elementos da cultura afro-brasileira, das tradições católicas e das religiões de matriz africana.

Na última seção, as principais conclusões do estudo, destacando a importância das práticas espaciais insurgentes para a preservação cultural e a resiliência comunitária. Com esta estrutura, o trabalho busca oferecer uma visão abrangente e detalhada do Quilombo Cafundá Astrogilda, contribuindo para o reconhecimento e valorização das territorialidades negras na cidade do Rio de Janeiro.

Este estudo não só reforça a importância de preservar a cultura e as tradições quilombolas, mas também evidencia a necessidade de políticas públicas que assegurem os direitos territoriais e promovam a justiça social para estas comunidades.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

CONTEXTUALIZAÇÃO

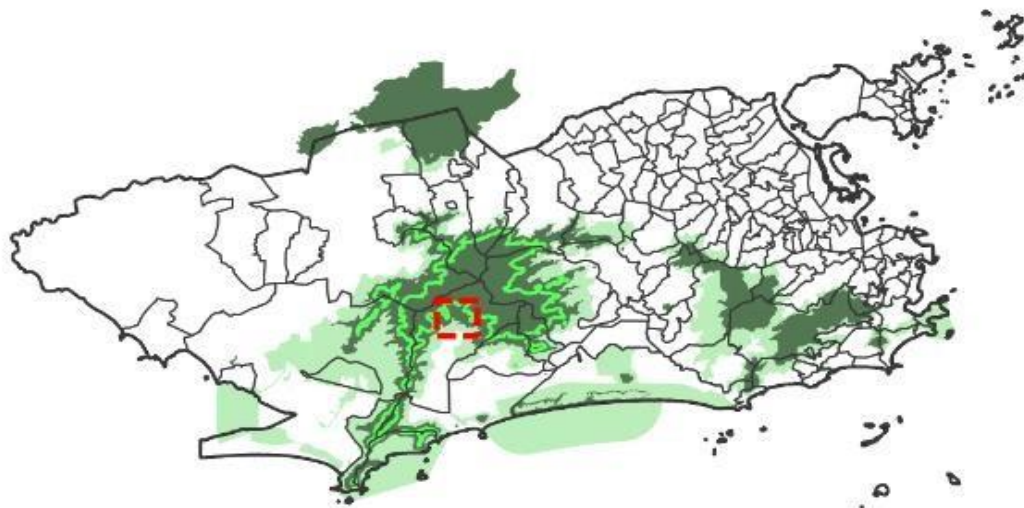


Figura 1. Mapa da Cidade do Rio de Janeiro com a localização do Parque Estadual da Pedra Branca e o Quilombo Cafundá Astrogilda. Fonte: Vanessa Galvão, 2024

A história do Quilombo Cafundá Astrogilda destaca-se pela importância dessas comunidades na luta e resistência pelo direito à terra dos remanescentes quilombolas. Localizado em Vargem Grande, na zona oeste do Rio de Janeiro, o quilombo tem suas terras sobrepostas ao Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB) desde 1974. Essa sobreposição exemplifica as histórias frequentemente omitidas sobre a formação de algumas áreas da cidade. Com destaque para a figura de sua matriarca, Astrogilda, suas memórias são relatadas por seus descendentes, que continuam a praticar ações insurgentes em busca do reconhecimento dos direitos territoriais e preservação da sua cultura e modos de vida mediante as pressões externas. O quilombo é formado por núcleos familiares, e têm suas origens nos engenhos coloniais da Baixada de Jacarepaguá, parte da sesmaria de Gonçalo Correia de Sá, doada à sua filha Vitória de Sá em 1625. Após a morte de Vitória, o Engenho de Camorim foi dividido pelos monges Beneditino em três fazendas: Camorim, Vargem Pequena e Vargem Grande, exploradas com mão de obra escravizada. Com a antecipada alforria em 1871, muitos escravizados permaneceram na fazenda, cultivando subsistência. Após a abolição da escravidão,



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

alguns negociaram trabalho por moradia. Em 1891, as terras foram vendidas ao Banco de Crédito Móvel, que não reconheceu os direitos dos alforriados, mas outorgou créditos para compra das terras. Os moradores atuais têm recibos de pagamentos, e o sentido é que pagaram duas vezes pelas terras. A comunidade reforça o pertencimento ao território, através de seus percursos a pé, identificando ruínas coloniais mesmo sem estudos arqueológicos, deixando muitas informações ainda desconhecidas. A agricultura no quilombo Cafundá Astrogilda é um ato de resistência, especialmente após a criação do PEPB, que inicialmente baniu a agricultura para preservação ambiental. Apesar disso, a comunidade continua cultivando banana e caqui. Os territórios de parentescos são formados por núcleos familiares, homenageando ancestrais e servindo como uma rede de memória coletiva e prática de ocupação espacial. A geografia é caracterizada por morros e vales, com cultivos intercalados na Mata Atlântica e abastecidos por diversos rios e riachos. Os caminhos conectam as casas, roças e os núcleos residenciais, sendo marcadores de memória e narrativas locais que refletem uma epistemologia espacial nativa. O turismo emergente e os restaurantes administrados por mulheres quilombolas valorizam a gastronomia local, mas enfrenta o desafio de um turismo predatório e sem regulamentação. Um dos principais projetos, é o Ação Griô, que promove visitas imersivas na história do maciço, compartilhando saberes culturais e práticas agroecológicas da comunidade. O Museu Quilombo/Laboratório Vivo Floresta, preserva as memórias materiais e espirituais do antigo terreiro de Dona Astrogilda, incluindo práticas botânicas e homeopáticas tradicionais. As fossas de evapotranspiração são sistemas sustentáveis de decomposição anaeróbia de matéria orgânica, utilizados nos núcleos Astrogilda e Dinda-Laura para preservar o lençol freático. Os quintais são importantes espaços de vida e socialização onde as mulheres quilombolas cultivam uma diversidade de plantas medicinais e utilitárias, preservando conhecimentos botânicos tradicionais, fruto da descendência Banto, originária do território africano do Congo e Angola. Esses guardiões dos mistérios das florestas são conhecedores da agricultura e das rezas. Conhecimento este que é transmitido de geração em geração, destaca-se principalmente o benzimento, prática que hoje é continuada por Maria Lúcia, neta da matriarca Astrogilda, benzedeira e conhecedora das ervas, assim como foi sua avó. O



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

texto sobre a história do quilombo foi fundamentado na cartografia participativa, uma abordagem conforme Luz Stella Rodriguez Cáceres, antropóloga, descreve em *Caminhos de Memórias e Resistência*, o qual permite à comunidade documentar e revelar suas próprias narrativas espaciais e históricas. Utilizando essa metodologia, foi possível explorar e compreender não apenas a evolução histórica do quilombo, mas também as práticas espaciais insurgentes e territorialidades contemporâneas que refletem a resistência e memória da comunidade quilombola ao longo do tempo. A fala de Maria Lúcia, informação verbal do percurso, é um testemunho profundo da continuidade e da resistência da comunidade quilombola. Ao afirmar "minha ancestralidade, eu nasci nessa comunidade, eu nasci aqui dentro do quilombo, minha bisavó nasceu aqui, minha avó nasceu, o bisavô da minha avó Astrogilda, ele era um escravo, eu venho de lá". Maria Lúcia não apenas traça uma linha direta de descendência e conexão com o território, mas também sublinha a importância da memória e da identidade na experiência quilombola. A declaração destaca a importância da transmissão intergeracional da memória e da identidade quilombola, preservadas pela narrativa oral e experiência vivida. Ao mencionar o bisavô de sua avó Astrogilda como escravo, ela evidencia a resiliência histórica da comunidade e a profunda conexão entre resistência, história familiar e território. Esse depoimento confirma a relevância da cartografia participativa para compreender as dinâmicas do quilombo e ressalta a importância de valorizar as histórias pessoais e coletivas na formação da identidade e preservação cultural.

CONCEITUALIZAÇÃO TERRITÓRIOS, TERRITORIALIDADES E PRÁTICAS INSURGENTES

No contexto da produção do território e das territorialidades, entender esses conceitos é essencial para analisar as dinâmicas de poder e resistência presente em comunidades como o Quilombo Cafundá Astrogilda. Segundo Souza (2000, p.79), a noção de território, quando configurada geograficamente como espaço social, perpassa relações de poder que levantam uma questão fundamental: "quem domina ou influencia quem nesse



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

espaço, e como?". Esta questão revela as complexas interações entre poder e espaço, destacando a importância de analisar como diferentes grupos contestam e reivindicam seus territórios. Haesbaert (2004) amplia essa visão ao afirmar que:

O espaço em sua multidimensionalidade, o ambiente em sua complexa dinâmica sociedade-natureza, o território nas múltiplas formas com que revela o poder que temos sobre/com o espaço/o ambiente, cada região em sua diferença/especificidade e cada lugar em sua identidade revelam, mais do que nunca, a importância da dimensão geográfica ou espacial da sociedade. (p. 26)

A territorialidade, portanto, é entendida como uma prática dinâmica que envolve negociações e disputas contínuas. Ela se configura como uma forma de resistência e afirmação identitária, especialmente em contextos de marginalização e luta por reconhecimento. Nesse sentido, as práticas insurgentes no Quilombo Cafundá Astrogilda podem ser vistas como uma maneira de afirmar e reconfigurar suas territorialidades diante das pressões externas e internas, reafirmando seu direito ao espaço e às práticas culturais que o definem. Para compreender a complexidade dessas práticas insurgentes, é também fundamental estar ciente de conceitos como contracolonialismo, decolonialismo e quilombismo. Esses conceitos fornecem o arcabouço teórico necessário para interpretar as formas de resistência e afirmação identitária que caracterizam o Quilombo Cafundá Astrogilda. O contracolonialismo conforme discutido por Santos (2023, p.58), é um conceito que reflete a resistência ativa das comunidades contra processos coloniais e expropriativos. Santos define contracolonialismo como "simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender". Compreender esses conceitos é uma forma de reconhecer a luta das comunidades quilombolas como uma defesa e afirmação contra as consequências da colonização. O decolonialismo é uma abordagem crítica que visa desconstruir as narrativas e estruturas de poder coloniais ainda presentes nas sociedades contemporâneas. Essa perspectiva destaca a importância de valorizar e restaurar os conhecimentos e práticas das comunidades marginalizadas, desafiando as hegemonias estabelecidas e promovendo uma reinterpretação mais justa e inclusiva da história e da cultura. Esse enfoque oferece as bases para compreender como os quilombos preservam e afirmar suas práticas culturais e sociais diante as pressões externas. O



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

quilombismo é um conceito que se refere à luta histórica e contemporânea dos quilombolas pela preservação de suas identidades e territórios. Segundo Nascimento (1980, p.288), "os negros têm como projeto coletivo a ereção de uma sociedade fundada na justiça, na igualdade e no respeito a todos os seres humanos". Esse projeto coletivo é central para a construção e manutenção das territorialidades quilombolas, e compreender o quilombismo é fundamental para reconhecer o esforço das comunidades em afirmar seus valores sociais e culturais. Além disso, Krenak (2022) oferece uma visão crítica sobre o papel da ancestralidade e da educação indígena, afirmando:

As crianças indígenas não são educadas, mas orientadas. Não aprendem a ser vencedoras, pois para uns vencerem outros precisam perder. Aprendem a partilhar o lugar onde vivem e o que têm para comer. Tem o exemplo de uma vida em que o indivíduo conta menos que o coletivo. Esse mistério indígena, um legado que passa de geração para geração. O que as nossas crianças aprendem desde cedo é colocar o coração no ritmo da terra. (p. 117)

Esta perspectiva ressalta a importância da ancestralidade na formação de práticas insurgentes e na criação da territorialidade que valorizam e preservam o conhecimento e as tradições culturais. Portanto, a análise das territorialidades e práticas insurgentes no Quilombo Cafundá Astrogilda revela uma complexa interseção entre resistência, identidade e poder. A preservação dos territórios quilombolas e a luta pela justiça e igualdade são expressões de uma prática contínua e dinâmica que desafia as forças externas e reafirma a importância da ancestralidade na manutenção e valorização das tradições e práticas culturais. As territorialidades quilombolas não são apenas espaços físicos, mas também campos de luta e resistência, onde a identidade e a justiça são constantemente reconfiguradas e reafirmadas.

PERCURSO EXPLORATÓRIO NO QUILOMBO CAFUNDÁ ASTROGILDA



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

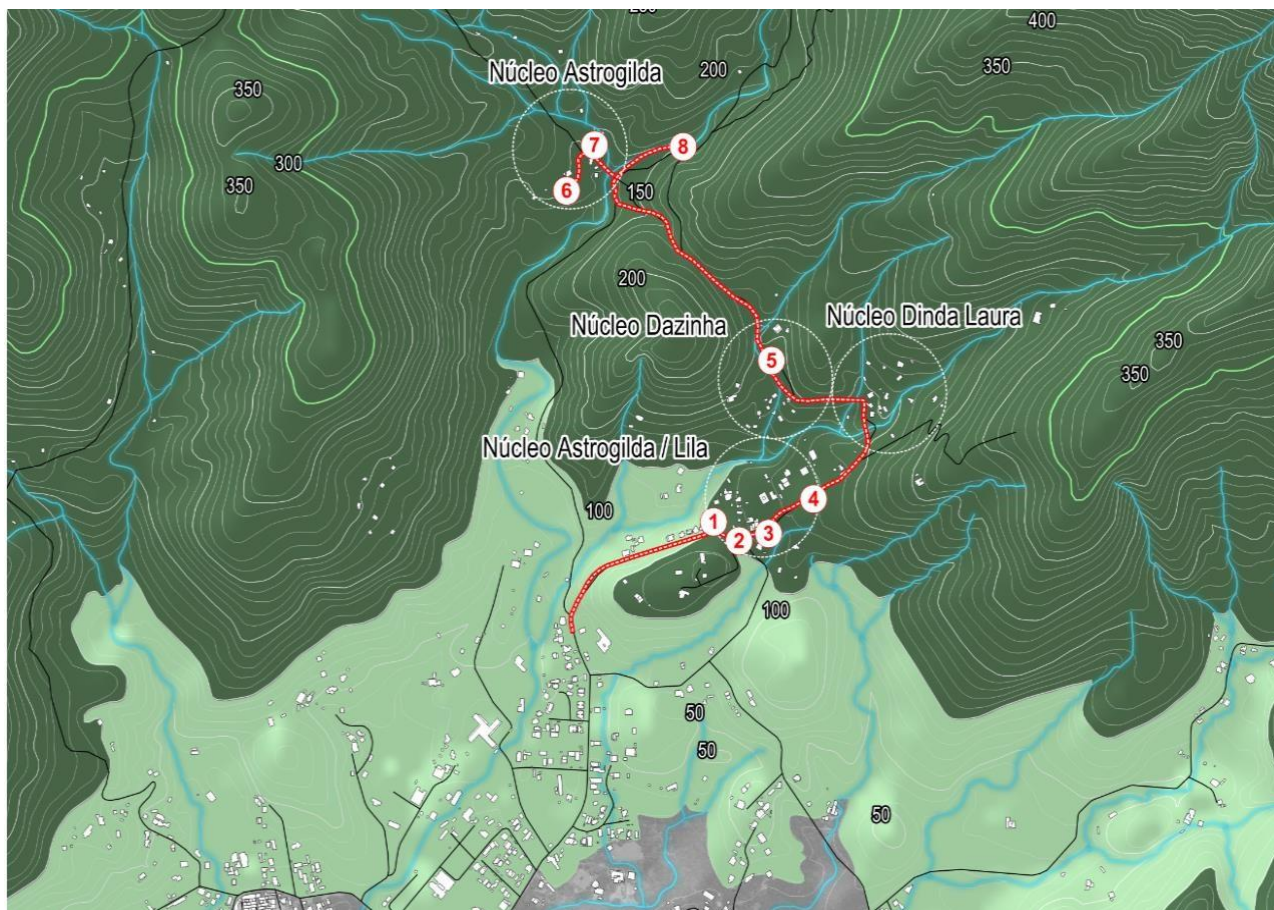


Figura 2. Mapa da localização do Quilombo Cafundá Astrogilda. Fonte: Vanessa Galvão, 2024

O percurso exploratório no Quilombo Cafundá Astrogilda aconteceu no dia 08 de junho de 2024, onde tivemos a oportunidade de mergulhar na cultura e na resistência de uma comunidade que carrega consigo séculos de história e sabedoria. Este quilombo, que abriga uma rica herança afro-brasileira, enfrenta uma relação complexa com o PEPB, que se sobrepõe parcialmente ao seu território. Essa sobreposição cria desafios na conciliação entre a preservação ambiental e a manutenção das práticas e tradições quilombola. Se iniciou no restaurante “Tô na Boa”, com um café da manhã, sendo possível conhecer de perto a culinária tradicional do quilombo, todas preparadas por funcionários/moradores. Os pratos servidos, elaborados com ingredientes locais e receitas transmitidas ao longo de gerações, são preparados sob a direção de Gizele, bisneta da matriarca Astrogilda e proprietária do restaurante. Eles refletem a profunda conexão entre a comunidade e a terra, destacando a alimentação como um elemento



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

crucial de resistência cultural. Por meio de práticas de subsistência e autossuficiência, esses alimentos fortalece a autonomia das comunidades tradicionais, preservando e valorizando seus conhecimentos ancestrais. Essas práticas garantem a resiliência diante de crises externas e protegem a identidade das comunidades contra opressões e homogeneização. Após o café da manhã, foi realizada uma roda de conversa com os instrutores e moradores do quilombo. Nesse encontro, os participantes tiveram a oportunidade de escutar relatos sobre os desafios enfrentados pela comunidade na preservação de suas tradições e na luta pela garantia de seu território. A oralidade, elemento central na cultura quilombola, foi o meio pelo qual os saberes ancestrais foram compartilhados, reforçando a importância da memória coletiva na manutenção da identidade da comunidade.



Figura 3. Início da trilha, roda de conversa no Restaurante "Tô na Boa". Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Durante o percurso, o grupo percorreu uma trilha que passou pelos principais núcleos familiares do quilombo: Dona Nazinha, Dinda Laura e Astrogilda, a matriarca que



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

permanece viva na memória da comunidade. Esses núcleos familiares, distribuídos ao longo do território, são organizados de forma a respeitar a topografia local e a vegetação circundante, integrando-se de maneira harmoniosa ao meio ambiente. A infraestrutura do quilombo demonstra um planejamento voltado para a sustentabilidade. Os sistemas de captação de água, essenciais para a autossuficiência da comunidade, além de utilizar fontes naturais e poços. A energia é obtida tanto por meio de redes tradicionais quanto através de soluções alternativas adaptadas à realidade. A telefonia, embora limitada, desempenha um papel crucial ao garantir a comunicação essencial entre os moradores e com o mundo exterior, sem comprometer a tranquilidade do território. A relação com o PEPB é de grande relevância para a comunidade, pois a sobreposição do parque ao território quilombola cria uma situação em que as práticas tradicionais de manejo do território estão em constante diálogo com as políticas de preservação ambiental. Inicialmente, a imposição de restrições para a preservação ambiental gerou desafios significativos para a comunidade, especialmente na agricultura. O banimento de práticas agrícolas em determinadas áreas afetou a subsistência dos moradores, que tiveram que adaptar suas atividades e buscar alternativas para garantir sua sobrevivência. Apesar dessas dificuldades, o contexto também fortaleceu a educação ambiental dentro da comunidade, evidenciadas pelas atividades realizadas no Laboratório Vivo Floresta/Museu Quilombo, que hoje promovem a integração entre as tradições locais e as exigências de conservação ambiental.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem



Figura 4. Museu Quilombo. Fonte: Acervo pessoal, 2024.

A cultura quilombola é intrinsecamente ligada à espiritualidade e a preservação das tradições religiosas. Durante o percurso, foi possível conhecer a Capela Nossa Senhora da Conceição, um espaço que transcende seu papel religioso para se tornar um símbolo de resistência cultural da comunidade. Onde muitas vezes é o centro das celebrações religiosas do quilombo, que mesclam elementos do catolicismo com as tradições afro-brasileiras, fortalecendo os laços comunitários e a identidade coletiva.



Figura 5. Igreja Nossa Senhora da Conceição. Fonte: Acervo pessoal, 2024.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Além das práticas religiosas, a figura da benzedeira, herdada da matriarca Astrogilda, ainda é uma presença forte no quilombo, representada pela sua neta Maria Lúcia. Como parte da trilha, tivemos a oportunidade de visitar sua casa, onde nos contou histórias de sua vida e relatou como aconteceu o seu despertar pela espiritualidade. A arte da benzedura, praticada por ela, é um testemunho vivo da preservação dos saberes ancestrais, além de preservar os conhecimentos botânicos continuam a ser um recurso importante para o bem-estar espiritual e físico da comunidade. O percurso foi concluído no poço Licanor, um local de grande valor simbólico para a comunidade e região. Com suas águas cristalinas e entorno exuberante, o poço marca o início de uma trilha que leva a diversas outras cachoeiras, tornando-se um destino popular entre famílias e jovens. Além de sua importância cultural, o poço Licanor oferece um espaço de lazer e conexão com a natureza.

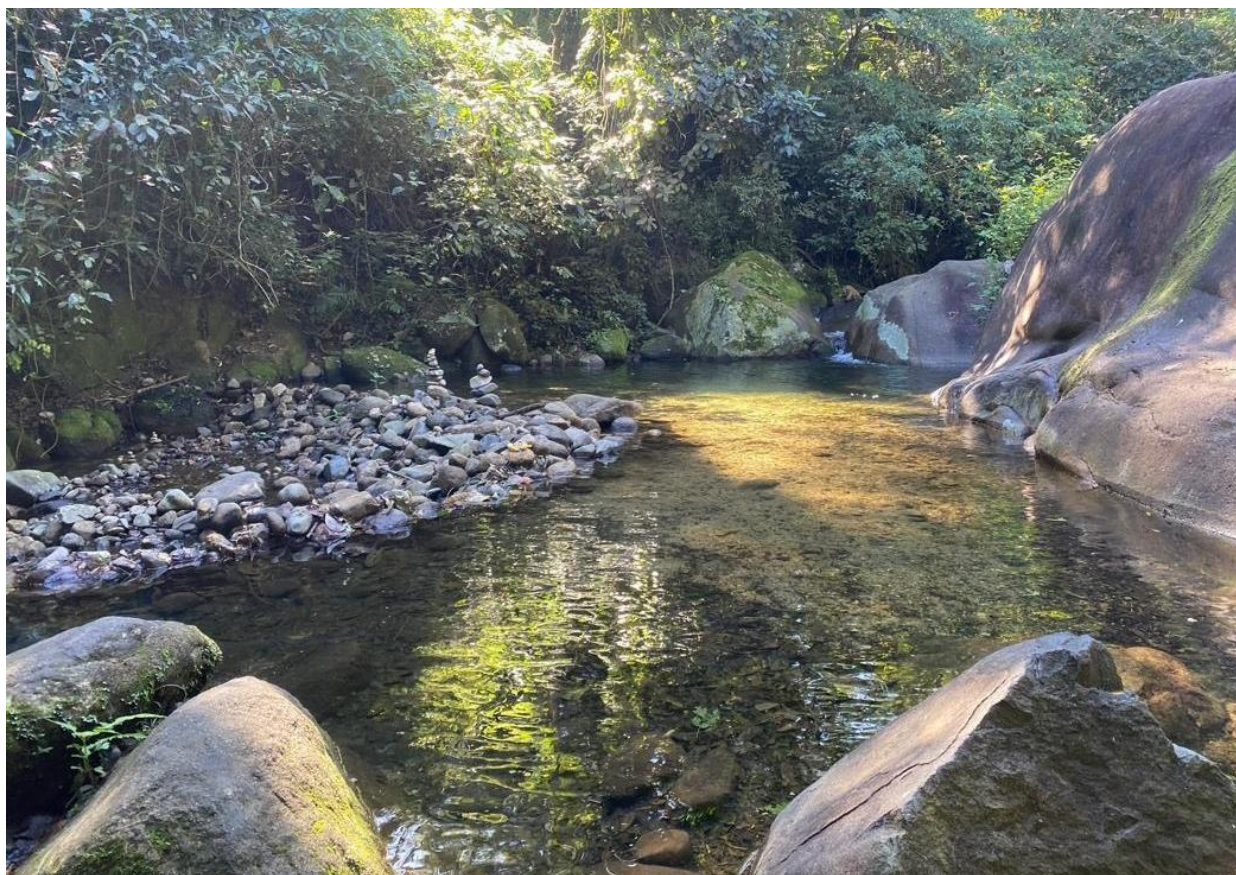


Figura 6. Poço Licanor, Cachoeira de Vargem Grande. Fonte: Acervo pessoal, 2024.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

O percurso exploratório ao Quilombo Cafundá Astrogilda destacou a urgência de garantir os direitos territoriais das comunidades quilombolas, reafirmando seu papel crucial na manutenção e valorização da diversidade cultural e ambiental do país. Ficando claro que a integração das práticas tradicionais de gestão do território com estratégias de conservação ambiental é crucial para a preservação tanto da diversidade cultural quanto ecológica no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da produção do território e das territorialidades no Quilombo Cafundá Astrogilda revela um panorama da resistência cultural e da luta pela preservação territorial vivenciado na comunidade. Neste estudo, que abrange a contextualização histórica, a análise das práticas insurgentes e observação direta da comunidade, oferece insights valiosos sobre as dinâmicas de resistência e adaptação enfrentada. A comunidade, com suas origens nos engenhos coloniais e a sua profunda conexão com a terra, exemplifica como a dinâmica de resistência e a adaptação enfrentada na ocupação e o uso do espaço são moldados por práticas culturais ancestrais. Essas práticas continuam a reafirmar sua identidade e autonomia em face de pressões externas e políticas públicas excludentes. Já a sobreposição das terras do quilombo com o PEPB ilustra o desafio de conciliar a preservação ambiental com a manutenção das práticas tradicionais, evidenciando a necessidade de políticas que respeitem e integrem as demandas e direitos das comunidades quilombolas. A partir da metodologia adotada, incluindo cartografia participativa, levantamento fotográfico e trabalho etnográfico, foi possível captar a essência da resistência territorial e cultural dos quilombolas. As práticas de agricultura, os sistemas de captação de água e energia, e a integração de saberes ancestrais no contexto ambiental demonstram a capacidade da comunidade de adaptar-se e resistir às mudanças, preservando ao mesmo tempo suas tradições e identidade. Além é claro de contribuir significativamente na conservação e preservação do meio ambiente. Os conceitos teóricos de território e territorialidade, abordados por autores como Rogério Haesbaert e Marcelo Lopes de Souza, trouxeram mais clareza na



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

compreensão das presentes práticas espaciais insurgentes da comunidade. A territorialidade é entendida não apenas como um espaço físico, mas como uma construção social e simbólica que reflete relações de poder, identidade e resistência. O entendimento dos conceitos contracoloniais, decolonialismo e quilombismo, conforme abordados por Abdias Nascimento, Antônio Bispo dos Santos e Ailton Krenak, aprofundou as análises das formas de resistência e afirmação identitária presentes na comunidade, trazendo assim mais visibilidade e compreensão das práticas culturais e da resistência quilombola. Para além disso, tais conceitos visam implodir questões históricas coloniais e hegemônicas ainda presentes na sociedade brasileira. A presença de figuras como a matriarca Astrogilda e a continuidade das práticas culturais, como o benzimento, a religião, a culinária, as técnicas construtivas, o uso de ervas medicinais, a agricultura familiar, entre outras práticas, ressaltam a importância da memória e da identidade na formação da territorialidade quilombola. A transmissão de saberes e práticas entre gerações destaca a relevância da oralidade e da ancestralidade na preservação cultural. Nessa medida, tais fatos anteriormente citados, destacam a importância de reconhecer e valorizar as territorialidades quilombolas, que são fundamentais para a preservação cultural e a promoção da justiça social e espacial. Ao analisar as práticas insurgentes no quilombo, reafirma a importância de políticas públicas que assegurem os direitos territoriais e promovam a inclusão das comunidades quilombolas nas decisões sobre o uso e preservação do território, pois afinal eles cuidam, entendem e fazem uso sustentável dessas terras há muitos anos. Em suma, podemos observar que o Quilombo Cafundá Astrogilda é um exemplo notável de resistência e resiliência, onde a produção do território e das territorialidades é um reflexo direto da luta pela preservação cultural e pela afirmação da identidade quilombola. E este estudo contribui para o entendimento mais profundo e sensível das dinâmicas de resistência e das práticas insurgentes, oferecendo uma visão abrangente e detalhada das estratégias adotadas pela comunidade para enfrentar os desafios contemporâneos e preservar suas tradições e ancestralidade. A investigação dos conceitos de territórios e territorialidade evidencia como a comunidade se adapta e reafirma sua identidade frente às pressões



SALVADOR E SUAS CORES [2024]
Circulações e Produções Culturais Negras
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

externas, ressaltando a importância de políticas que apoiem e reconheçam essas práticas culturais e territoriais, trazendo com isso o protagonismo para o povo preto.

REFERÊNCIAS

CÁCERES, Luz Stella Rodríguez. **Pelos caminhos do Cafundá**: paisagens e memórias de um quilombo carioca. Rio de Janeiro. Papéis Selvagens, 2019.

HAESBAERT, Rogério. Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. 1a ed. Cidade Autônoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Projeto de Pís, 2021.

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo. Petrópolis: Vozes, 1980.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SOUZA, Marcelo José Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Geografia: conceitos e temas. Castro, Iná Elias. Gomes, Paulo Cesar Costa. Corrêa, Roberto Lobato (org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.